Mesmo não sendo um de seus filmes mais valorizados, o longa-metragem “Daguerreótipos” (1975) é assaz ilustrativo acerca da pedagogia cinematográfica de Agnès Varda, repousada em parâmetros indisfarçadamente afetivos. Após o lançamento de alguns títulos que, infelizmente, não foram bem-sucedidos em seus resultados de bilheteria, a despeito da celebração crítica, ela aproveitou o confinamento forçado, advindo de um parto recente – do filho Mathieu, nascido em outubro de 1972 – para dedicar-se a um exercício elementar, o qual todos nós deveríamos encetar em algum momento de nossas vidas: o de prestar atenção a quem está ao nosso redor!

Neste filme, a diretora resolve filmar os pequenos estabelecimentos comerciais da rua em que ela vive, a Daguerre, no 14º Arrondissement, em Paris. Nomeada em homenagem ao inventor Louis Daguerre [1787-1851], que patenteou o primeiro processo fotográfico vendido para o público, em 1839, esta rua comportava, na época das filmagens, além do apartamento da diretora – que vivia com o também cineasta Jacques Demy [1931-1990], conhecido por suas infidelidades matrimoniais –, uma padaria, um salão de beleza, um açougue e um palco improvisado de mágicas, em meio às quitandas. E é dos proprietários destes estabelecimentos, geralmente bem mais velhos que ela, que a realizadora aproximar-se-á, acompanhada por sua equipe oportunamente reduzida…

Num dos primeiros segmentos, a diretora acompanha a sua filha Rosalie comprar um frasco de perfume para presentear uma amiga, enquanto conversa com o senhor idoso que manuseia as fragrâncias. Ele vende-lhe uma colônia à base de água de jasmim, e a sua esposa caminha mais de uma vez para a entrada da perfumaria, demonstrando receio (ou algum tipo de limitação) em sair da loja, ao mesmo tempo em que parece ter muita vontade de fazê-lo, mas é repreendida internamente. O que a impede? Imaginar as respostas a esse tipo de pergunta é um dos chamarizes conteudísticos deste filme, que se destaca por fazer com que o “olhar” se sobreponha ao “assunto”, sem que, com isso, seja tornada assimétrica a retroalimentação entre forma e conteúdo numa obra de arte.

Interpelando gentilmente os entrevistados e perguntando-lhes como eles se conheceram ou com o que eles sonham rotineiramente, Agnès Varda permite que o público de sua produção conheça, ao seu lado, pessoas que, no dia a dia, são ignoradas, inclusive por conta de preconceitos políticos, que tornam alvo de desconfiança quem não se expressa publicamente com a mesma facilidade. Assim, conhecemos migrantes de várias regiões e pessoas que trazem em seus cotidianos as conseqüências de decisões nacionais (é impossível não pensar

em como aqueles velhinhos lidaram com as questões do colaboracionismo francês envolvendo a ocupação nazista, durante a II Guerra Mundial, por exemplo!), descrevendo como ficaram imediatamente fascinados por seus cônjuges, desde o primeiro contato visual, em bailes. É muito interessante, neste sentido, o relato da mulher que acompanhou uma amiga disposta a flagrar o seu noivo dançando com outra mulher e, assim, encontrou o seu futuro marido, com quem vivia até aquele instante. A realidade prega-nos peças o tempo inteiro, como a própria Agnès Varda retratou em suas obras-primas, "Cléo das 5 às 7" (1962) e "As Duas Faces da Felicidade" (1965).

Sendo discreta em sua narração em primeira pessoa, que tornar-se-ia uma de suas marcas registradas, em filmes-ensaio extraordinários como "Os Catadores e Eu" (2000) e "As Praias de Agnès" (2009), a diretora escolhe o personagem do mágico improvisado como o conector emocional, via edição, para aquelas pessoas, enfatizando as reações entusiasmadas a uma sessão de hipnose, enquanto uma cabeleireira comenta que seu neto estuda em excesso e o padeiro local reclama que quase não consegue dormir, por causa das necessidades de sua profissão. A montagem de Andrée Choty e Gordon Swire simula aberturas e fechamentos de um diafragma fotográfico, a fim de justificar o título do filme, que oferece pequenos retratos daquelas personalidades comuns porém encantadoras, eternizadas pela maestria da diretora na abordagem de suas falas e olhares, durante as atividades corriqueiras. O modo como os clientes são tratados, a maneira como os produtos são acondicionados (pensemos na cena em que alguém pede botões brancos a um dos comerciantes) e como a política emerge mesmo quando se evita falar diretamente sobre ela fazem com que Agnès Varda assuma-se, ao final, como uma "daguerreotipete", demonstrando-se assaz pedagógica na feitura deste documentário (*"uma reportagem? Uma aproximação?"*), em que ela se declara muito mais uma *vizinha* que uma cineasta. Não por acaso, ela é uma das maiores nesta seara!

Wesley Pereira de Castro.

Fonte da imagem disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcShUYGJcP5ErNtYXqJk9gkmqm4D_QUaLtpjTYfEQwvMSfM1Ivc93Fyw-TUR&s=10